

Dr. Mark Jennings, Mark, Aula 25,

A Teologia de Marcos

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o livro de Marcos. Esta é a sessão 25, The Theology of Mark.

Olá, é bom estar de volta com vocês, pois agora terminamos este estudo por meio de Marcos.

Nós passamos pelo livro inteiro, e temos discutido os vários elementos em cada perícopo. E ao longo dessa discussão, eu também tenho desenhado linhas juntas. Temos discutido os vários temas e linhas de pensamento.

Mas eu quero passar um tempinho aqui no final apenas abordando alguns dos arcos maiores, se você quiser. Antes de começarmos, porém, eu quero ter certeza de que reconheço alguns dos acadêmicos que me ajudaram e desempenharam um papel em influenciar meu pensamento. Eu mencionei Mark Strauss bastante, seu comentário sobre o Evangelho de Marcos eu acho muito convincente.

Outros acadêmicos, Ben Witherington III, James Edwards, Robert Stein e RT France. Cada um deles contribuiu para meu pensamento sobre o Evangelho de Marcos de forma significativa. Hoje também quero falar sobre, enquanto falamos sobre um pouco da teologia de Marcos, quero mencionar a publicação recente de David Garland, A Theology of the Gospel of Mark.

Acho-o especialmente útil nesse sentido. E minha discussão final aqui certamente reflete parte do pensamento dele. O Evangelho de Marcos é, em seu cerne, um livro que busca responder a uma pergunta.

Quem é Jesus? Marcos começa seu Evangelho com uma proclamação anunciando as boas novas, anunciando que Jesus é o Filho de Deus. Ele começa seu conto de forma triunfante. Seu Evangelho não é uma tragédia; não é um lamento, mas sim uma proclamação alegre de que aquele que é antecipado nas Escrituras, a esperança do povo de Deus, veio.

O Evangelho de Marcos nos fala sobre Jesus. É sobre Jesus. Certamente há outras pessoas no Evangelho, mas essas outras só têm significado com base em seu relacionamento com Jesus.

Então, parece apropriado, enquanto encerramos e concluímos nossas considerações finais sobre Marcos, falar sobre a Cristologia de Marcos. Por fim, discutimos como Marcos apresenta Jesus como o mais forte, o mais forte que sofreu e morreu para

salvar seu povo. Falamos sobre como Jesus é Filho de Deus e Filho do Homem, enquanto também é simultaneamente o servo sofredor.

Nesta discussão sobre Cristologia, gostaria de adotar primeiro a abordagem tradicional, que é olhar para os vários títulos atribuídos a Jesus. O primeiro, é claro, que devemos considerar é o Filho de Deus. Sem dúvida, o título Filho de Deus é um dos, se não o principal título para Jesus no Evangelho de Marcos.

Curiosamente, o pronunciamento de Jesus como Filho de Deus, o Filho de Deus que veio ao mundo, acontece em seus comentários introdutórios do Evangelho. Vemos logo no início que Marcos quer que entendamos Jesus como o Filho de Deus. Duas vezes, uma voz do céu se dirige a Jesus como o Filho de Deus.

Vemos isso em Marcos 1:11 no batismo, Marcos 9.7. Vemos ambas as vezes: tu és meu Filho a quem eu amo, ou este é meu Filho a quem eu amo. O centurião na crucificação proclama, certamente este homem era o Filho de Deus. Temos o que são declarações muito simpáticas.

Também temos declarações hostis. Os demônios frequentemente se dirigem a Jesus como o Filho do Altíssimo. O sumo sacerdote durante o julgamento de Jesus pergunta a ele: você é o Filho do Abençoado? Quando olhamos para a linguagem do Filho de Deus no Evangelho de Marcos, vemos isso tanto nos lábios daqueles que afirmariam positivamente, mas também daqueles que a negariam.

Claro, como discutimos ao longo do nosso estudo de Marcos, há uma construção em direção à confissão do centurião. Há uma construção em direção ao momento em que, na cruz, alguém pode verdadeiramente dizer, certamente este homem era o Filho de Deus. Marcos realmente enfatiza a confissão do centurião.

O estilo literário de Marcos se moveu em direção a isso. O motivo secreto messiânico de um amortecimento ou silenciamento contínuo da proclamação de Jesus como o Filho de Deus cria uma tensão literária que prepara o momento em que alguém pergunta, quando é aceitável dizer que Jesus é o Filho de Deus? Ao que Marcos responde, é na realização da cruz. A confissão de Pedro em Marcos 8 é incompleta porque carece de uma compreensão da morte de Jesus.

Claro, como discutimos, a proclamação do centurião de que Jesus é o Filho de Deus está diretamente ligada ao batismo em Marcos. Percebemos que o verbo dividir ou rasgar está incluído em ambas as histórias, tanto no batismo quanto na confissão do centurião. No batismo, é o rasgar do véu que separa os céus da terra.

Na confissão do centurião, é o rasgar do véu que separa o templo sagrado do exterior. De muitas maneiras, esse batismo e a confissão do centurião são suportes do ministério terreno de Jesus no Evangelho de Marcos. Curiosamente, em Marcos

10 :38-39, Jesus identifica sua morte com o batismo, novamente fortalecendo a conclusão de que os dois devem ser realizados simultaneamente, que a proclamação de Deus de que Jesus é seu Filho no batismo e a proclamação do centurião de que Jesus é o Filho de Deus são mantidas juntas.

O próprio Jesus implicitamente, pelo menos, assume o papel de Filho de Deus e se identifica como tal na parábola dos princípios em Marcos 12:1-12. A parábola, como você se lembra, como discutimos, era uma visão geral da história de Israel, se preferir, dos líderes religiosos de Israel e sua rejeição a Deus. Como Deus havia enviado aos princípios servos após servos que foram abusados até que na parábola, ela atinge seu clímax quando ele envia sua amada, e o fazendeiro envia a sua, o proprietário envia sua amada, nenhuma referência acidental aí, eu acredito, já que amado é a terminologia que Deus usou para falar de seu Filho, envia sua amada que é então morta pelos princípios.

À luz desta parábola, juntamente com as próprias previsões de Jesus de que ele seria morto pelos líderes religiosos e políticos, isto significa que na parábola dos princípios, o próprio Jesus está colocando, implicando que ele deve ser entendido como o próprio Filho de Deus. Outros marcadores do Filho de Deus incluem a referência de Jesus em Marcos 13, 32 de que o Filho do Pai não conhece o tempo dos eventos finais, o uso de Abba por Jesus em Marcos 14, até mesmo sua afirmação à pergunta do sumo sacerdote se ele é o Filho do Altíssimo, do Abençoado, a afirmação de Jesus de que ele é, é claro, nos leva a notar. Uma das coisas em Marcos, porém, é o Filho de Deus; há uma forte conexão entre a verdade da Filiação de Jesus e a verdade de que ele deve sofrer e morrer.

Intimamente relacionado ao título de Filho de Deus está o título de Messias ou Cristo. O Messias era frequentemente referido no Antigo Testamento como Filho de Deus, especialmente nos Salmos da Coroação, da mesma forma que Israel também é referido como Filho de Deus. Isso faz sentido, dada a ideia de liderança corporativa onde o Messias, o Rei, representa o povo.

E então, não é surpreendente que vejamos uma sobreposição entre a linguagem Filho de Deus e Messias. Jesus é, claro, identificado como o Messias no versículo de abertura do Evangelho de Marcos. O interessante, porém, embora o título seja importante para Marcos, parece que Messias é um título problemático, se você preferir, no Evangelho.

Cinco das outras seis vezes que Messias é usado, vem de pessoas que são hostis a Jesus ou não entendem sua missão. O próprio Jesus, embora não rejeite esse título diretamente, ele não o assume para si. O Messias que vemos entra em momentos importantes, como Marcos 8, quando Pedro confessa que Jesus é o Messias.

Vemos isso novamente quando o sumo sacerdote pergunta a Jesus se ele é o Messias. E, claro, encontramos isso conectado com um Bartimeu cego, que se refere a Jesus como o Filho de Davi, o que seria uma conexão messiânica. Em Marcos 12, Jesus comenta sobre Salmos 110 :1 observando como aquele que está por vir é, na verdade, maior que Davi, não simplesmente um descendente de Davi.

Talvez essa seja a melhor maneira de começar a entender o uso de Messias no Evangelho de Marcos se não for simplesmente um descendente de Davi, mas Jesus é aquele que é maior que Davi e diferente de Davi. O sentido, então, é que a razão pela qual o título é problemático é porque a compreensão do título se tornou problemática. Jesus concorda com a afirmação de que ele é o Messias, mas mantém distância da compreensão do que isso significava.

Acredito que Jesus abraça o título de Messias, o que é evidente na entrada triunfal. Quando ele entra em Jerusalém em um animal que não foi montado, a referência de Zacarias 9, sobre a qual falamos longamente, acredito que deixa claro que Jesus está deliberadamente escolhendo entrar em Jerusalém como um rei. Até mesmo a própria acusação de Pilatos contra Jesus, de que ele é rei dos judeus e, portanto, culpado de sedição, sugere que havia algo nos próprios maneirismos de Jesus que produzia a legitimidade de uma reivindicação de ser rei dos judeus.

Mas se olharmos para os títulos que o próprio Jesus adota no Evangelho de Marcos mais abertamente, chegamos imediatamente, é claro, ao Filho do Homem. Filho do Homem só aparece de Jesus. Marcos não o chama de Filho do Homem em seus comentários editoriais.

As outras pessoas no Evangelho não se dirigem a Jesus com este título. Por exemplo, quando Jesus pergunta aos discípulos quem os outros dizem que ele é, ou mesmo quem eles dizem que ele é, ninguém responde, Filho do Homem. Os sumos sacerdotes não acusam Jesus de alegar ser o Filho do Homem.

Eles perguntam se ele é o Messias, o Filho do Abençoado. Embora interessante o suficiente, a resposta de Jesus, na qual ele afirma ser o Filho do Homem, leva a acusações de blasfêmia, indicando que havia alguma ideia de um título ou declaração sendo feita. Como discutimos ao longo de nossa análise de Marcos, estou convencido de que o título Filho do Homem que Jesus usa tem sua origem, seu pano de fundo, seu pano de fundo, se preferir, de Daniel 7, da figura daquele como o Filho do Homem.

Por exemplo, há laços entre o que vemos em Daniel 7 e as próprias palavras de Jesus. Jesus diz de si mesmo que ele é o Filho do Homem que virá na glória de seu Pai com santos anjos, Marcos 8:38. Jesus diz que ele virá nas nuvens com grande poder e glória em Marcos 13:26. Que ele está vindo nas nuvens do céu em Marcos 14:62. Cada um deles traz à mente e ecoa a passagem semelhante ao Filho do Homem em

Daniel 7. Embora o Filho do Homem possa não ter sido tão fixo quanto o título de Messias, é certamente um alto título cristológico. Jesus usa a si mesmo, significando que ele se identifica como aquela grande figura escatológica e apocalíptica.

Na verdade, pode ser a própria imprecisão do título ou sua natureza não fixa que Jesus achou mais atraente. Enquanto a compreensão do Messias agora se afastava de como Jesus queria que fosse entendida, e assim Jesus era resistente ao fervor político que poderia acompanhar a aceitação do Messias, a própria imprecisão do título Filho do Homem permitiu que ele o definisse de uma forma sem muita preocupação ou hesitação. Claro, Jesus usa o título do Filho do Homem para capturar a dicotomia de que ele é o mais forte que sofrerá.

Como o Filho do Homem, Jesus se apresenta como alguém de grande autoridade. Ele fala de si mesmo como o Filho do Homem, tendo autoridade para perdoar pecados em Marcos 2. Tendo autoridade sobre o Sábado em Marcos 2. Tendo autoridade em julgamento, Marcos 8, Marcos 13, Marcos 14. Então, de muitas maneiras, o uso que Jesus faz do Filho do Homem se encaixa no motivo de Daniel 7 daquele que está ao lado do Altíssimo .

Mas ainda assim, isso é justaposto com o uso que Jesus faz do título de Filho do Homem no sofrimento. Ele é o Filho do Homem que será rejeitado, sofrerá e morrerá em Marcos 8, Marcos 9 e Marcos 10. Garland, em seu livro, também descreve o que ele chama de uma Cristologia encenada em Marcos.

Eu realmente gosto desse termo. Ele se encaixa com o que temos feito ao longo do estudo de Marcos, e é assim que, além de títulos específicos, Marcos apresenta a identidade de Jesus em ação e em palavras, com muitas dessas ações e palavras carregando conotações para as Escrituras. Nós apontamos muito isso ao longo do caminho, e aqui está um bom resumo dessa Cristologia promulgada, desses feitos que Jesus fez que também falam sobre quem ele é.

Primeiro, vemos o poder de Jesus em sua voz. Ele tem o poder de chamar. Uma de suas primeiras ações é chamar os discípulos para segui-lo.

E nesse chamado, houve uma resposta imediata. Vimos isso com André, Pedro, Tiago e João. Vimos isso com Levi, filho de Alfeu.

É interessante em Marcos, Marcos não nos dá muito pano de fundo sobre o que ocorre antes de Jesus realmente chamar seus discípulos. Ao contrário dos outros Evangelhos, não temos muitas informações sobre como alguns deles estavam seguindo João Batista, e então João Batista os instruiu a seguir Jesus, então não temos conversas contínuas que ocorrem. Em Marcos, o que temos simplesmente é Jesus dizendo, siga-me, e o imediatismo.

A ênfase então, acredito que a razão pela qual Marcos coloca dessa forma é para que entendamos que Jesus chama muito da mesma forma que Deus chama, que há uma autoridade em sua voz. É difícil não ver uma conexão semelhante entre o chamado de Jesus aos discípulos e o chamado de Deus a Abrão em Gênesis 12, onde ele diz, siga-me, e a obediência é imediata. Observe que a ênfase não está na resposta dos discípulos em si, mas na autoridade do chamado de Jesus.

Também vemos o poder dessa voz sobre o mundo demoníaco. Nós traçamos isso ao longo do nosso estudo. A palavra de Jesus o apresenta como a autoridade suprema sobre os espíritos.

Em sua voz, ele ordena que fiquem em silêncio, e eles ficam imediatamente em silêncio. Em sua voz, ele ordena que deixem seu anfitrião, e eles imediatamente deixam seu anfitrião. Há uma submissão imediata.

Observe, a ênfase sempre esteve no poder divino. Não há fraseado especial, nem técnica especial. Não há batalha contínua entre Jesus e os demônios.

A autoridade é somente Jesus, e está em sua voz. De fato, a autoridade é de tal natureza que uma das constantes no Evangelho de Marcos era o espanto de sua habilidade de falar com os demônios e fazê-los obedecer. Percebemos já naquele primeiro dia em Cafarnaum como as multidões se maravilhavam com sua autoridade sobre os demônios.

Também vimos em Marcos 3 como os líderes religiosos, ao tentar entender a autoridade de Jesus para falar sobre demônios, acusaram Jesus de estar possuído e em conluio com Belzebu, ao que a resposta de Jesus foi contar uma parábola, uma parábola de um homem forte que vem e invade a casa de Satanás. Jesus é aquele que é mais forte em seu pecado. Ele é capaz de invadir a fortaleza e libertar os cativos.

Claro, a autoridade sobre o mundo demoníaco e a voz de Jesus é mais óbvia na destruição de Legion. A expressão completa da extensão da autoridade de Jesus sobre os demônios, onde temos esse homem lamentável que foi possuído por centenas de demônios, a extensão que Legion é uma descrição adequada, e para isso também houve julgamento imediato e comando imediato. Vemos também, além disso, essa Cristologia promulgada do poder de curar.

Vimos isso em seu poder de curar uma febre, o que trouxe restauração imediata. Vimos isso em seu poder de curar a lepra, uma doença que se pensava não ter cura exceto por Deus somente, uma doença que simbolizava a morte em vida. Vimos isso em sua habilidade de ouvir o paralítico, não apenas ouvir o paralítico, mas usar essa cura como um símbolo de sua habilidade de perdoar pecados e cura ainda maior.

Vimos com a filha de Jairo que Jesus tinha o poder de ressuscitar os mortos. É interessante o suficiente que nos milagres de Jesus, vemos a cura do cego, a cura do surdo, a cura do coxo e a cura do mudo. Não é muito forçado ver isso como a maneira de Marcos dizer Isaías 35:4-6, aconteceu quando Deus, que é aquele que abre os olhos do cego, desobstrui os ouvidos do surdo, faz o coxo saltar como um cervo e faz o mudo gritar de alegria.

Em outras palavras, o poder da cura não é simplesmente o poder de um curador no Evangelho de Marcos, mas é uma apresentação da própria autoridade divina de Jesus, da capacidade de Jesus de não apenas abordar os resultados da queda, mas até mesmo desfazer sua causa. O milagre divino é outro aspecto dessa Cristologia encenada. Com isso, refiro-me aos milagres que mostram a divindade em ação.

A alimentação de milhares vem à mente. Houve duas alimentações, uma dada aos judeus, pois eles não tinham um pastor, e outra dada aos gentios, pois eles estavam em uma situação tão desesperadora em relação à fome. Em ambas, parece haver um banquete escatológico em vista, aquele grande banquete que Deus oferece no fim de todas as coisas.

Ezequiel 34, Deus como o bom pastor dando boas terras de pastagem, parece ecoar aqui, como falamos, e também o Salmo 23. Em outras palavras, os banquetes não mostram simplesmente o cuidado de Jesus, mas na verdade demonstram uma festa divina que ocorre. Marcos 4, o poder sobre a tempestade é poder criativo.

Gênesis, Salmos e os profetas, especialmente Isaías, falam do poder sobre a criação como algo que Deus faz. Por exemplo, em Isaías 43, o povo de Deus não deve sentir medo, pois Deus os chamou pelo nome. Quando eles passarem pelas águas, Deus estará com eles.

Quando eles passarem pelos rios, os rios não os varrerão. A cura da tempestade, de muitas maneiras, é uma demonstração de que Jesus não só tem um poder único, mas na verdade tem o poder que pertence a Deus. Falamos sobre andar sobre as águas.

Somente Deus é capaz de pisar as ondas, diz Jó 9, Jó 38, Salmo 77, Isaías 43. Jesus andando sobre as águas não é simplesmente uma maravilha de se ver, mas é uma evidência de que Deus está no meio deles. A autoridade de Jesus no ensino era evidente no Evangelho de Marcos.

Ele ensina com uma autoridade como nenhuma outra. Comente sobre as multidões. Ele ensina com autoridade, diferente dos escribas.

Os ensinamentos de Jesus incluíam decisões sobre o sábado e seu propósito, decisões sobre leis de pureza e seu propósito, decisões sobre leis alimentares e seu

propósito, decisões sobre divórcio e seu propósito, e a declaração do maior mandamento. Uma das coisas que notamos é que a autoridade de Jesus era diferente dos escribas e que ela simplesmente não interpretava, mas, na verdade, Jesus assumiu a postura de intenção divina, daria o significado e a razão para a lei, não simplesmente como ela deveria ser entendida. Tudo isso, em outras palavras, aponta para uma Cristologia ativa e muscular de que Jesus é alguém que tem a autoridade que Deus tem e age como Deus age, o que contrasta então com a mensagem de expiação de Marcos.

A Cristologia de Marcos é de força, mas isso também é mantido dentro da necessidade do sofrimento de Jesus, aquele que deve sofrer e morrer. Gostaria de terminar esta visão geral do Evangelho de Marcos com uma discussão sobre a teologia da expiação. Sinto que a Cristologia e a teologia da expiação são o que unem a mensagem de quem Jesus é.

A expiação está intimamente ligada à compreensão de Marcos sobre quem é Cristo. Temos o que Garland descreve apropriadamente como o dever divino. A primeira predição de Jesus em Marcos 8.31, após oito capítulos de estabelecer a autoridade de Jesus, o poder de Jesus, a Cristologia de Jesus e a Cristologia decretada de Jesus, Jesus então faz a pergunta de quem as pessoas dizem que ele é e quem os discípulos dizem que ele é.

Nesse aparente clímax, Pedro confessa que Jesus é o Messias, ao que Jesus responde, dizendo que o Filho do Homem deve sofrer muitas coisas, deve ser rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos mestres da lei, e deve ser morto. O uso de deve aqui conota uma vontade divina, um plano divino. Em cada uma das três predições, Marcos 8, Marcos 9 e Marcos 10, há uma nota de providência por trás do sofrimento e da morte vindouros de Jesus.

A morte de Jesus não é simplesmente o resultado de homens maus conspirando contra uma ameaça, mas é o plano predeterminado de Deus sendo executado. De fato, Jesus diz algo semelhante sobre João Batista quando, após a transfiguração, os discípulos questionam sobre Elias, e se Elias deve vir primeiro, Jesus diz que é verdade, referindo-se a Elias ali como João Batista, que João Batista veio primeiro, Elias veio primeiro, e então observa como ele sendo o precursor e seu sofrimento indica o que deve acontecer com o Filho do Homem. Se olharmos para a Última Ceia, Jesus diz que o Filho do Homem irá exatamente como está escrito sobre ele, o que é uma declaração fascinante porque não há nenhuma escritura específica referenciada aqui.

De fato, não há nenhuma escritura específica que fale do Filho do Homem passando por tal sofrimento. Mas temos escrituras falando sobre o servo sofredor, especialmente em Isaías, especialmente Isaías 53, e pode ser útil ouvir as palavras de Isaías 53 aqui. Quem acreditou em nossa mensagem, e a quem o braço do Senhor foi

revelado? Ele cresceu diante dele como um broto tenro, e como uma raiz de terra seca, ele não tinha beleza ou majestade para nos atrair a ele, nada em sua aparência que o desejássemos.

Ele foi desprezado e rejeitado pela humanidade, um homem de sofrimento e familiarizado com a dor, como alguém de quem as pessoas escondem seus rostos. Ele foi desprezado, e nós o tivemos em baixa estima. Certamente, ele assumiu a nossa dor e levou o nosso sofrimento, mas nós o consideramos punido por Deus, ferido por ele e afligido, mas ele foi traspassado por nossas transgressões; ele foi amaldiçoado por nossas iniquidades. O castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e por suas feridas, fomos curados.

Todos nós, como ovelhas, nos desviamos, cada um de nós se voltou para o seu próprio caminho, e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a boca, ele era como um cordeiro para o matadouro, e como uma ovelha diante de seus tosquiadores fica em silêncio, assim ele não abriu a boca. Por opressão e julgamento, ele foi levado embora, mas quem de sua geração protestou? Pois ele foi cortado da terra dos viventes, pela transgressão do meu povo ele foi punido.

Foi-lhe designada uma sepultura com os ímpios e com os ricos em sua morte, embora não tivesse cometido violência, nem houvesse engano em sua boca. No entanto, foi a vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e o Senhor faz de sua vida uma oferta pelo pecado. Ele verá sua descendência e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão. Depois de ter sofrido, verá a luz da vida e ficará satisfeito.

Pelo seu conhecimento, meu servo justo justificará a muitos, e levará sobre si as iniquidades deles. Portanto, eu lhe darei uma porção entre os grandes, e ele dividirá os despojos com os fortes, porque derramou sua vida até a morte e foi contado com os transgressores. Pois ele levou sobre si o pecado de muitos e fez intercessão pelos transgressores.

Acho que essa é a escritura a que Jesus está se referindo, de como está escrito que ele deve ir. Já que a morte de Jesus cumpre a escritura, deve ser sob providência divina. A crucificação então não é simplesmente uma desgraça, mas é a grande e simultânea demonstração da justiça de Deus e sua misericórdia.

É a demonstração da vontade de Deus Pai e da obediência de Deus Filho. Está longe de ser uma imagem de derrota. É uma demonstração de vitória.

É de fato o momento da coroação de Jesus, e traz consigo a salvação. Embora Jesus diga que ele deve morrer, há apenas duas declarações explícitas sobre o benefício

salvífico de sua morte, mas essas duas são críticas para entender a teologia da expiação de Marcos. O primeiro é Marcos 10.45. Esta é a terceira predição da paixão.

Jesus conclui que o Filho do Homem veio para servir, para dar sua vida em resgate por muitos. Esta é essa imagem de violência, este sofrimento, esta morte que será feita sobre Jesus como um preço de troca por outros. Algo que compra a liberdade dos outros.

Claro, isso imediatamente nos faz lembrar de Isaías 53 e do que acabamos de ler sobre os muitos que são libertos, que são resgatados, que são perdoados. Então, novamente, em Marcos 14:24, a Última Ceia, Jesus vincula seu sofrimento e morte vindouros com o grande ato salvífico da narrativa do Êxodo. É em sua declaração, este é o meu sangue da aliança, que é derramado por muitos, que a expiação de Jesus, ou a teologia da expiação de Marcos, vem à tona.

Isso lembra, creio eu, Jeremias 31 :31-34, onde Deus diz que lhes dará uma nova aliança, e perdoará suas maldades e não se lembrará mais de seus pecados. Quando Deus libertou os israelitas da escravidão no Egito, a primeira aliança foi selada pelo sangue de um animal sacrificial. Aqui, o sangue de Jesus sela a nova aliança, tornando a antiga aliança e a necessidade de seu sistema sacrificial não mais existentes.

Na cruz, Jesus, como discutimos, recebeu a ira total de Deus. Lembre-se da imagem do cálice do Jardim do Getsêmani, e ele ora para que este cálice passe por ele. Ele também diz que este cálice é um símbolo da ira de Deus sendo derramada. Então, é na cruz que Jesus recebe a ira total de Deus e, ao fazê-lo, alcança a vontade divina de remover a maldade dos pecadores pelo sofrimento vicário e pela morte de Jesus.

O veredito de Deus, sua santa justiça, foi derramado para que aqueles que creem que Jesus é o Filho do Homem, que sofreu como um servo sofredor, que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, o Mais Forte, pudessem agora desfrutar da nova aliança selada por seu sangue. A ironia é que, enquanto Jesus sofria na cruz, aqueles ao seu redor zombavam dele, dizendo que ele salvava outros, mas ele não conseguia salvar a si mesmo, falhando em perceber que, ao escolher suportar a cruz, Jesus estava de fato salvando outros, como somente o Mais Forte pode. Há muito mais que poderíamos cobrir aqui sobre a teologia de Marcos, mas espero que esta última discussão, assim como toda esta caminhada pelo Evangelho, tenha sido uma bênção para você.

No Evangelho de Marcos, temos uma explicação poderosa de quem é Jesus e o que sua vinda significou. Ele é o Mais Forte que sofreu. Quero agradecer pelo seu tempo e seu estudo, e quero agradecer por considerar a vida e a morte de Jesus por meio do Evangelho de Marcos.

Que o Senhor aprofunde nossa fé. Que possamos dizer, como o centurião, certamente este homem era o Filho de Deus. Que Deus o abençoe.

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o livro de Marcos. Esta é a sessão 25, The Theology of Mark.